

EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE LÍQUIDA: DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE

EDUCATION IN LIQUID SOCIETY: CHALLENGES IN TEACHING PRACTICE

Ayrton da Silva Cabral

Antuzia de Medeiros Oliveira

Ismaelita Gregório Antunes de Medeiros

Maria da Glória Gomes Silva

Maria do Socorro Fernandes de Carvalho

Marina Linhares de Medeiros Melo

Sid Silas Moura

Resumo: O presente artigo analisa, sob a perspectiva do grande sociólogo e filósofo polonês, Zigmunt Bauman, a Educação na Sociedade contemporânea, a qual é perceptível características de uma sociedade líquida. Com o objetivo de trabalhar os desafios enfrentados pelos docentes e como tal liquidez influência no ambiente escolar, escolheu-se o

tema da educação na sociedade líquida por se manifestar como um tema atual e inovador para a reflexão contemporânea sobre a prática docente. Fundamentado metodologicamente na abordagem qualitativa e interpretativista de pesquisa, o estudo centrou a análise nas reflexões sobre estudos do teórico já citado, e nas macrocompetências socioemo-

cionais.

Palavras-chave: Educação. Sociedade. Modernidade. Liquidez. Docência.

Abstract: This article analyzes, from the perspective of the great Polish sociologist and philosopher, Zigmunt Bauman, Education in contemporary Society, which features characteristics of a liquid society. In order to address the challenges faced by teachers and how such liquidity influences the school environment, the theme of education in liquid society was chosen because it manifests itself as a current and innovative theme for contemporary reflection on teaching practice. Methodologically based on a qualitative and interpretive research approach, the study focused the analysis on reflections on studies of the aforementioned

theorist, and on socio-emotional macrocompetencies.

Keywords: Education. Society. Modernity. Liquidity. teaching.

Introdução

A educação contemporânea apresenta características da atual sociedade, a qual tem demonstrado o que a sociedade é capaz de realizar na vida do ser humano. O homem é manipulado pela sociedade, ou seja, pela cultura, pelo ambiente onde vive. O fato é que a sociedade sempre estará em processo de transformação, e com essas mudanças surge também a necessidade do homem de acompanhá-las.

Desse modo, essas transformações refletem também, na educação, no amor, em todas as áreas da vida do ser humano. Ao longo das décadas, com a moder-

nização, o olhar para si mesmo se tornou mais frequente, porém, diante de todo esse processo surgiram muitas mudanças em relação às emoções. Hoje, vivemos o momento da modernidade líquida.

Diante disso, os seres humanos se tornaram ainda mais consumistas e como tais, iniciou-se também o consumismo das relações afetivas, o que Bauman chama de amor líquido. Trata-se da necessidade de estar ligado ao outro e ao mesmo tempo estar apto a desligar-se, percebe-se que há uma contradição. Vamos lembrar do consumismo, por exemplo, há uma grande necessidade de comprar, logo precisamos de algo para suprir uma necessidade, mas sempre estará surgindo mais e mais necessidades e assim, não estaremos satisfeitos.

Um bom exemplo é o aparelho celular, necessitamos de

um bom aparelho, no entanto, sabemos que em questão de pouco tempo, aquele aparelho que supria as necessidades não irá mais ser suficiente e precisaremos adquirir outro. Da mesma forma tem acontecido com os relacionamentos e esse tem sido um fator que tem causado preocupação em meio ao ambiente escolar e se tornado um desafio na a prática docente.

Atualmente, há uma grande liquidez em meio à educação e ao amor. Desse modo, o amor líquido tem refletido também nas escolas. Os educandos levam para dentro das escolas as suas realidades e com essas realidades está o consumismo não apenas de objetos, mas também o consumismo descartável do outro, expressando grandes fragilidades emocionais.

Fundamentado metodologicamente na abordagem qua-

litativa e interpretativista de pesquisa, o estudo tem como foco, propor uma reflexão sobre as características e dificuldades das relações em meio a modernidade líquida e investigar como essa liquidez tem refletido em meio à educação. Para isso, nos fundamentaremos nos estudos de Zigmunt Bauman e nas competências socioemocionais. Para isso, fez-se necessário explanar brevemente sobre o a liquidez expressa nas vivências do homem e como foi compreendida e vivenciada no decorrer da história, realizando um paralelo entre os conceitos de modernidade e o amor líquido. Assim como também, problematizar a ideia do consumo tão presente na modernidade líquida.

No atual contexto, o homem tem se mostrado desumanizado, frio e cruel. Na obra “Amor líquido”, o teórico expressa características sobre essa sociedade

líquida, seja no amor, seja na educação, demasiadamente líquida. Uma grande relevância da obra, por exemplo, está em questionar esse comportamento de desumanização do homem, demonstrando uma grande fragilidade dos laços humanos.

Contudo, este trabalho está organizado da seguinte forma: O capítulo inicial intitulado de “Educação: percurso histórico e cultural da sociedade no Brasil”, discorre sobre a história da educação do Brasil, desde o período colonial, até o contexto atual; o segundo capítulo, “O impacto tecnológico na sociedade”, abrange sobre as influências da tecnologia na sociedade atual, corroborando com a liquidez do amor, em suma sociedade extremamente líquida; já o terceiro, “Macrocompetências socioemocionais e a prática docente: desafios na contemporaneidade”,

apresenta as fragilidades evidenciadas nas relações dos educandos e aborda sucintamente alguns desafios na prática docente e como podemos aplica-las, com o intuito de contribuir para a formação de futuros cidadãos críticos e responsáveis.

Educação: percurso histórico e cultural da sociedade no Brasil

“Vivemos em tempos líquidos, nada foi feito para durar”
(BAUMAN)

A sociedade vem passando por grandes mudanças de forma acelerada, no que diz respeito à educação. Essas mudanças envolvem o histórico e o cultural, por compreendermos que fazem parte do ser humano. As emoções, a realidade de um determinado grupo social sempre trarão consigo características de

sua época, do cultural e histórico do contexto do período em questão, mas que mesmo estando em constante processo de modificação, o passado fará parte do presente. Aranha (1989, p.12) a esse respeito diz:

Pensar o passado não deve ser compreendido como exercício de saudosismo, mera curiosidade ou preocupação erudita. O passado não é algo morto: nele estão as raízes do presente. É compreendendo o passado que podemos dar sentido ao presente e elaborar o futuro.

Em relação à educação no Brasil, é apresentado diferentes contextos e realidades, mas que evidentemente não é diferente do modelo de educação destinado às classes populares: uma educação domesticadora, elitista,

reacionária, não raro às vezes, em precárias condições, privando-as, assim, de uma educação democrática, libertadora, transformadora e realmente de qualidade.

A educação no Brasil é marcada pela dependência, violência e desrespeito às crenças e culturas. Com a chegada dos europeus a terras brasileiras, inicia-se o desrespeito racial, colocando o índio, e posteriormente o negro como inferiores e enaltecendo o branco. Nesse contexto surge a companhia de Jesus.

Nessa circunstância, foi imposta aos índios a catequização. A companhia de Jesus tinha a missão de desenvolver um trabalho educativo e missionário, objetivando torná-los dóceis para que assim os aproveitassem como mão de obra. Ou seja, os jesuítas catequizavam os habitantes da terra, os rebaixava e não utiliza-

va a educação para desenvolver o senso crítico, mas para oprimir, era uma obra educativa que estava integrada à política colonizadora.

O ensino jesuítico era composto por uma rede de escolas, além de ler e escrever era ministrado o ensino secundário e superior.

Todas as escolas jesuíticas eram regulamentadas por um documento, escrito por Inácio de Loyola, o Ratio at que Instituto Studiorum, chamado abreviadamente de Ratio Studiorum. Os jesuítas não se limitaram ao ensino das primeiras letras; além do curso elementar, eles mantinham os cursos de Letras e Filosofia, considerados secundários, e o curso de Teologia e Ciências Sagradas, de nível superior, para a formação de

sacerdotes. No curso de Letras estudava-se Gramática Latina, Humanidades e Retórica; no curso de Filosofia estudava-se Lógica, Metafísica, Moral, Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Os que pretendiam seguir as profissões liberais iam estudar na Europa, na Universidade de Coimbra, em Portugal, a mais famosa no campo das ciências jurídicas e teológicas, e na Universidade de Montpellier, na França, a mais procurada na área de medicina (Bello, 1992. p. 2).

Essa violência perdurou até meados de 1759, quando o marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho, que era primeiro ministro de Portugal, entrou em conflito com os jesuítas, surgindo uma grande ruptura em

um modelo já implantado como modelo educacional. A educação passou a ser responsabilidade do estado, com isso houve rebaixamento no nível de ensino, porém não houve rebaixamento na estrutura, tendo em vista que os professores eram pessoas que tinham sido preparadas pelos jesuítas.

No período imperial (1822-1889), marcado pela chegada da família real, o Brasil obteve uma grande evolução cultural, mas no que diz respeito à educação, ainda era restrita a muitos. Aqui podemos resumir em um período em que as classes menos privilegiadas não tinham acesso à educação, enquanto a classe dominante, os privilegiados, tinham cada vez mais privilégios.

Logo, durante a primeira república (1889-1930), o contexto educacional continuou tendo privilegiados. Agora apre-

sentava-se uma dualidade, referente à educação como diferente para diferentes classes sociais, ou seja, a elite era privilegiada com acesso às escolas mais organizadas, assim as famílias abastadas tinham acesso à educação, porém as classes menos favorecidas, quando tinham acesso à escola, eram escolas nas áreas rurais, desorganizadas e como professores sem preparação.

Na realidade, havia o descaso em relação aos estados mais pobres, enquanto São Paulo por exemplo, era favorecida, essa diferença refletia também na educação. Os menos favorecidos tinham acesso a uma educação precária e gritante em nosso país. Segundo Romanelli (1978, p.43):

Vamos ver, assim, a educação e a cultura tomando impulso em determinadas regiões do sudeste do Brasil, sobretudo em São Paulo, e o restante dos

estados seguindo, “sem transformações profundas, as linhas do seu desenvolvimento tradicional, predeterminadas na vida colonial e no regime do Império”.

Após a revolução de 1930, houve um novo olhar para a educação, havendo agora a valorização da educação e a conscientização da importância em garantir esse direito. Surge então, o decreto nº 19.850, de 11 de abril de 1931, possibilitando a criação do Ministério da Educação e as secretarias de Educação dos estados. Já em 1932, havia a idealização da educação obrigatória e como direito de todos.

Segundo Romanelli (1979, p.147 -148),

o manifesto sugere em que deve consistir na ação do Estado, reivindicando a laicidade do ensino público, a gratuidade, a obrigatoriedade e a coeducação. Reco-

nhecendo pertencer ao cidadão o direito vital à educação e ao Estado o dever de assegurá-la e assegurá-la de forma que ela seja igual e, portanto, única, para todos quantos procurarem a escola pública, é evidente que esse direito só possa ser assegurado a todas as camadas sociais se a escola for gratuita.

Outrossim, surgiu uma variedade de projetos e discussões importantes que originaram à Constituição de 1934, visando à organização do ensino no Brasil, incluindo um capítulo exclusivo sobre educação dando algumas atribuições ao governo, como: integração e planejamento global da educação, normatização para todo o país e níveis educacionais, assistência técnica e a função de controle e supervisão e fiscaliza-

ção.

Diante das pesquisas realizadas, é possível inferirmos que a educação sempre está e esteve em transição, mas será que após a revolução de 1930 a educação se tornou realmente um direito de todos? A verdade é que ainda buscamos a concretização desse direito, uma educação igualitária. Mas, prosseguindo nesse percurso da educação e do ensino, durante o Estado Novo (1937-1945) e o governo populista (1945-1964), o estado não tinha muito interesse em oferecer às classes populares a educação pública e gratuita, ficando claro na Constituição de 1937, em que para a classe dominante estava destinado o ensino público ou particular, enquanto ao povo marginalizado, deveria ser oferecido apenas o ensino profissionalizante.

Com o fim do Estado

Novo, o Brasil retornou à normalidade democrática, passando a adota uma nova constituição. A educação como direito de todos está nitidamente expressa no Art. 166. O Art. 167, assegurando que o ensino deve ser responsabilidade dos poderes públicos, embora livre à iniciativa particular, considerando as determinações legais.

No entanto, “apesar da mudança de regime e da nova constituição, a legislação educacional herdada do Estado Novo vigorou até 1961, quando teve início a vigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (Piletti, 1991, p. 99). Com a aprovação da LDBEN de 1961, a luta pela escola pública e gratuita intensificou-se. Os populares realizaram diversas campanhas, reivindicando a melhoria e a ampliação do atendimento escolar para que, de fato, o direito

constitucional “a educação é um direito de todos”, fosse consolidado.

Contudo, até os dias atuais houve essa busca pela universalização e democratização da educação. No período da ditadura houve um distanciamento da idealização, por se pautou na repressão, na privatização do ensino, continuando privilegiando a classe dominante com ensino de qualidade e excluindo as classes populares. O ensino profissionalizante e o tecnicismo pedagógico passaram a ser oficializados, tendo a única intenção de preparar a mão de obra para atender as demandas do mercado.

De 1985 até a atualidade, em nível acelerado de transformação, foi elaborada um nova Constituição, que “cuida da educação e do ensino de maneira especial com referência aos direitos, aos deveres, aos fins e aos

princípios norteadores” (Santos, 1999, p. 31). Entre as mudanças essenciais, no campo educacional, Aranha (1966, p.223) destaca: gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; Ensino Fundamental obrigatório e gratuito; Atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos; Valorização dos profissionais de ensino, com planos de carreira para o magistério público.

Com base na nova constituição, foi elaborada a nova Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional, a Lei nº 9.394. A carta Magna e a nova LDB alicerçam legalmente para que o direito a uma educação de qualidade seja oferecido e assegure a formação integral dos indivíduos e a sua inserção na sociedade. Foi elaborado pelo Governo Federal, os Parâmetros Curriculares Nacionais. Em 1968, foi criado Fun-

do Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que proporciona mais autonomia às escolas, para oferecer condições de acesso e a permanência na escola, de manter vários programas, quais proporcionam tal autonomia, como por exemplo:

- Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE);
- Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE);
- Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE);
- Programa Nacional do Livro Didático (PNLD);
- Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM);
- Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA);
- e
- Programa Nacional de Transporte Escolar (PNTE), entre outros.

Com o objetivo de garantir os direitos para todos, leis e projetos foram criados para sanar as deficiências na educação brasileira, porém falta a efetivação, que não haja o distanciamento entre o legal e o real, que a problemática seja solucionada. Porém, diante da velocidade em que as mudanças no âmbito da educação acontecem, atualmente continuamos em busca pela educação libertadora, gratuita, universal e de qualidade, que seja consolidada e que as transformações aconteçam apenas para agregar, não podemos retroceder, mas enfrentar as dificuldades em meio a uma sociedade líquida.

O impacto tecnológico na sociedade

A modernidade líquida tem influenciado também a tec-

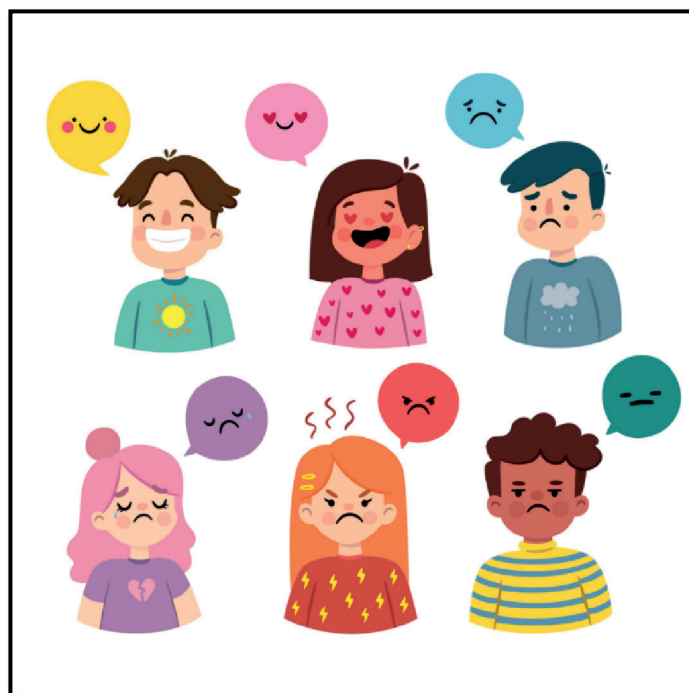
nologia. Nos últimos anos tem acontecido um grande avanço tecnológico e com essas mudanças, um grande desafio tem sido ensinar crianças e jovens a lidar com as suas próprias emoções, mas trata-se de uma maneira de evitar as incertezas da vida moderna.

Ademais, a sociedade do consumo é um outro fator que contribui para esse avanço. Há uma enorme possibilidade de escolhas, que permite que o ser humano se reduza ao que consome. As redes sociais servem como vitrines para ostentar o estilo de vida se mostrar para mundo, até mesmo uma realidade mentirosa. As pessoas estão deixando de viver os relacionamentos físicos, para viver relacionamentos virtuais.

Bauman dizia que as relações nas redes sociais são baseadas no “conectar e desconectar”.

Desse modo, não fazemos amizades, mas conexões, que podem ser feitas ou desfeitas a qualquer momento, o que torna as relações fugazes. Na imagem abaixo, podemos perceber as emoções no formato virtual, os chamados “emojis” estão presentes em nosso cotidiano.

Figura 01 – imagem da página LíderemMim



Disponível em: <https://www.olideremmim.com.br/competencias-socioemocionais/> Acesso em: 17/03/2022.

Na figura – 01, é possível observarmos que cada emoji representa uma emoção, o avanço tecnológico permitiu à sociedade grandes benefícios, porém alguns pontos negativos também. Houve uma grande alteração no modo de trabalhar, brincar e estudar, a liquidez se fez presente, e a cada dia o ser humano se vê com uma nova necessidade de consumir, e de viver os relacionamentos virtuais ligando e se desligando quando desejar.

Na sequência,

temos a figura 02, que mostra o quanto as redes sociais impactaram as relações, principalmente das crianças e jovens. O ser humano tem se frustrado ao não conseguir se relacionar virtualmente. Há na verdade, uma busca infindável pelos sucessos, pelo relacionamento na web, esse acontecimento corrobora para os desafios enfrentados em sala de aula. Faz-se necessário ser despertado o senso crítico em relação ao consumismo, em relação à liquidez.

Figura 02 – Impacto causado pelas relações virtuais



Disponível em: <https://laparola.com.br/a-era-da-liquidez-conexoes-liquidadas> Acesso em: 17/03/2022.

A liquidez e a prática docente: desafios na contemporaneidade

Vivemos em um período de modernidade líquida (BAUMAN, 2001), ou seja, uma fase muito mais ativa, percebemos uma variedade de emoções e de perfis de alunos, alguns são agressivos, tímidos, reprimidos, críticos, questionadores, conservadores, outros liberais, enfim, uma grande diversidade de educandos está presente nas escolas e universidades.

A verdade é que vivemos em uma sociedade egoísta, cruel e vazia, a qual não deseja ter compromisso e se pauta na descartabilidade das relações e na falta de responsabilidade. Essa é a tal sociedade líquida, com o seu amor líquido, famoso conceito de Zygmund Bauman. O fato é que todas essas mudanças ao invés de serem norteadoras, aca-

bam se tornando desnorteadoras, por contribuir para uma educação líquida.

Destarte, a prática docente tem sido um grande desafio, pois a cada momento o docente se depara com situações complicadas em sala de aula, isso acontece por consequência das relações vivenciadas pelos educandos. Não se trata apenas das relações amorosas, mas as relações humanas em si. Essas relações frágeis se tornam cada vez mais mercantilizadas e individualizadas, a relação com o outro apenas por interesses individuais, ficam evidentes também no ambiente de aprendizado.

No entanto, como poderemos afirmar que essa liquidez está presente também no espaço de aprendizagem? Como essa problemática tem se tornado um desafio na prática docente? A resposta para essas perguntas,

dialogam com pensamento de Bauman, e nos atentaremos em respaldar essa questão no decorrer da presente pesquisa.

Ainda na obra Amor Líquido, o autor afirma, que até mesmo a afinidade está se tornando algo pouco comum em uma sociedade de extrema descartabilidade, como se não houvesse razão para caminhar à afinidade, sendo que não há o menor objetivo em firmar um laço que seja parecido com o parentesco. As relações se desenvolvem com aquilo que já se tem, não com o que ambos desejam.

Isso pode ser levado para o campo da educação: é na falta do verdadeiro amor que a educação se perde. Não há amor pela causa, pelo ensino, as relações estão fragilizadas, isso está acontecendo também nos ambientes escolares. Os vínculos humanos podem ser rompidos a

qualquer momento, assim como acontece nas redes sociais, como um produto qualquer a ser descartado.

Da mesma maneira tem acontecido no aprendizado, não há rigidez em relação aos seus objetivos, não há tentativa de manter um relacionamento com um coletivo, com um grupo. Daí o resultado dos estudantes contemporâneos, infelizmente, são as vivências a realidade refletindo na vida escolar, como já foi citado no presente trabalho.

O consumismo de hoje não consiste em acumular objetos, mas em seu gozo descartável. Sendo assim, por que o “pacote de conhecimento” adquiridos na universidade deveria escapar dessa regra universal? No turbilhão de mudanças, é muito mais atraente o conhecimento criado para usar e jogar

fora, o conhecimento pronto para utilização e eliminação instantâneas, o tipo de conhecimento prometido pelos programas de computador que entram e saem das prateleiras das lojas num ritmo cada vez mais acelerado. (BAUMAN, 2010, p.42).

Em suma, o resultado de uma modernidade líquida e do amor líquido, é também uma educação líquida. No entanto, os conhecimentos escolares parecem dissolver-se ao mesmo momento em que são aprendidos, essa modernidade líquido-moderna tende a considerar como conhecimento o domínio artificial de informações, que nem sempre são assimilados.

As macrocompetências socio-

emocionais em tempos modernos

Nos dias atuais, sabemos que os docentes utilizam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para nortear os planejamentos das aulas. Ao destacar o compromisso com os estudantes, nas diversas dimensões (intelectual, afetiva, social, ética, simbólica, moral, física), a BNCC faz uma retomada das Diretrizes e bases (LDB) de 1996 e na Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação básica (DCNs), expondo uma visão abrangente sobre o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento emocional.

Na BNCC são apresentadas 10 competências gerais, nas quais estão inseridas as competências socioemocionais, sendo algumas delas: comunicação, criatividade, pensamento crítico e científico, empatia, comunica-

ção e autoconhecimento. Porém, faz-se necessário respondermos, a seguinte questão: o que são as competências socioemocionais? Com base nos estudos sobre tal indagação realizados na área da psicologia, as competências socioemocionais são compreendidas influenciadoras do modo como uma pessoa pensa, decide, sente e age em determinado contexto ou situação.

Logo, sabe-se que nos dias atuais, elas são maleáveis e flexíveis ocorrendo de acordo com os elementos sociais e culturais que fazem parte da história de cada ser, ou seja, As Competências Socioemocionais são habilidades desenvolvidas ao longo da vida e do processo de aprendizagem e que se conectam a capacidade de cada indivíduo lidar com suas próprias emoções, desenvolver autoconhecimento, se relacionar com o outro, ser capaz

de colaborar, mediar conflitos e solucionar problemas.

Entretanto, existem diferentes modelos científicos que visam a organização dessas competências, no entanto nos propomos a utilizar as competências socioemocionais apresentadas pelo Instituto Ayrton Senna, que apresenta cinco macrocompetências. São elas: abertura ao novo, autogestão, engajamento com os outros, amabilidade e resiliência emocional.

Além disso, é relevante mencionar que os alunos não devem ser expostos apenas a conteúdos, informações, e aulas voltadas apenas ao direcionamento conteudista, mas deve assumir o papel de formar o indivíduo como um ser ativo, crítico, e responsável, para que ele tenha sucesso em todos os aspectos. As características emocionais são tão importantes quanto as cognitivas para

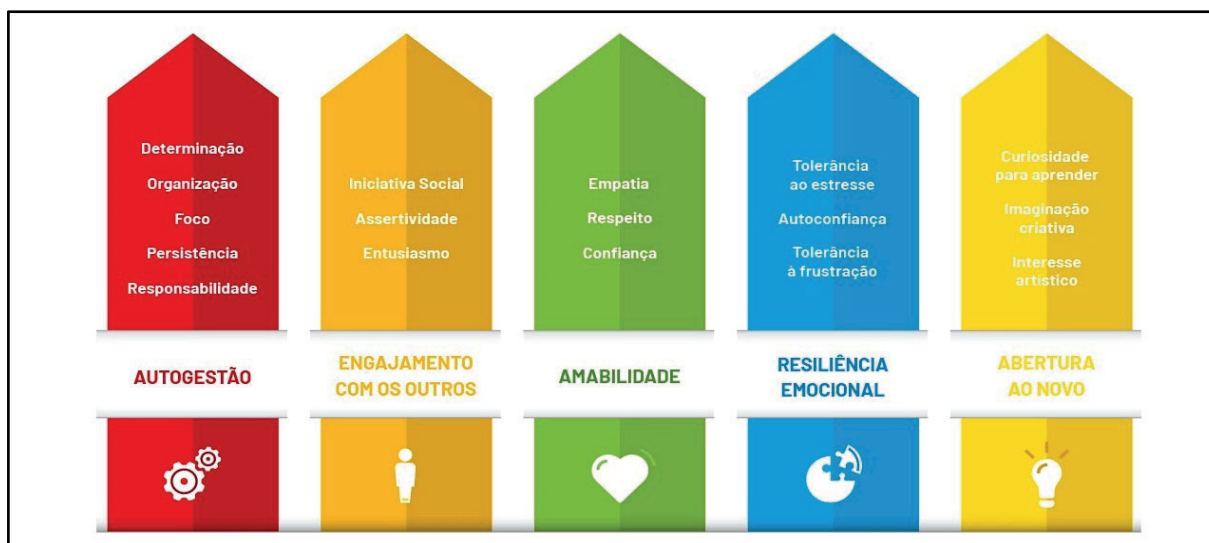
a formação do cidadão, a escola tem a capacidade de transformar essas características socioemocionais, em equipe com a família, assim é notório que esse é um dos maiores desafios para o docente, em meio a uma sociedade líquido-moderna.

Compreende-se que o processo educativo é função da família, mas faz-se necessário compreender que a escola não pode ficar de braços parados, vendo os jovens perdidos em meio a uma liquidez de emoções “normal”, e não se posicionar. As cinco macrocompetências foram desdobradas em 17 competências socioemocionais importantes para serem desenvolvidas nas escolas do país. Essas 17 competências socioemocionais não abarcam todas as existentes, mas compreendem os aspectos socioemocionais que estão explicitados nas 10 competências ge-

rais da BNCC.

Confira, na imagem abaixo, a relação entre as cinco macrocompetências e as 17 competências socioemocionais mencionadas.

Figura 03 - Macrocompetências emocionais.



Disponível em:

<https://institutoayrtonsenna.org.br/ptbr/BNCC/desenvolvimento.html#:~:text=MODELO%20DAS%205%20MACROCOMPET%C3%8ANCIAS&text=Os%20pesquisadores%20do%20Instituto%20Ayrton,outr os%2C%20amabilidade%20e%20resili%C3%Aancia%20emocional.> Acesso em: 17/03/2022.

Portanto, vamos explicar brevemente cada uma das cinco macrocompetências, para assimilarmos a importância em sala de aula, e como utilizá-las na prática docente, compreendendo que os educandos estão vivenciando a liquidez que não afeta somente eles, mas toda a sociedade. A competência Abertura ao Novo: diz respeito à capacidade de uma pessoa ser flexível, apreciativa diante de situações desafiadoras, incertas e complexas.

Tem relação com a disposição para novas experiências estéticas, culturais e intelectuais; Amabilidade: é a capacidade de conhecer pessoas e ser afetuoso, solidário e empático, ou seja, ser capaz de compreender, sentir e avaliar uma situação pela perspectiva e repertório do outro, colocando-se no lugar dessa pessoa; Autogestão: Trata-se da capacidade de ter foco, responsabilidade, precisão, organização e perseverança com relação a compromissos, tarefas

e objetivos estabelecidos para a vida. Também está relacionada à capacidade de autorregulação; Engajamento com os outros: podemos dizer que é ativação e abertura para interações sociais e Resiliência Emocional: Diz respeito à capacidade de aprender com situações adversas e lidar com sentimentos como raiva, ansiedade e medo.

As relações estão fragilizadas, isso está acontecendo também nos ambientes escolares. Os vínculos humanos podem ser rompidos a qualquer momento, assim como acontece nas redes sociais, como um produto qualquer a ser descartado. Diante da macrocompetências, fica evidente a importância de cada uma delas na prática docente.

Considerações finais

Em suma, compreende

que a sociedade do descartável apresenta aspectos fragilizados ligados a modernidade líquida. No âmbito atual o consumismo faz parte da vida do ser humano e dessa forma é influenciado em todos os aspectos. A pesquisa realizada é de grande relevância por compreendermos que discute questões sobre a educação na contemporaneidade, o consumismo e como nosso mundo atual é líquido, costumes, ideais, até nossas relações com as demais pessoas são flexíveis e frágeis, causando sentimentos de incerteza e segurança nos nossos relacionamentos, seja esse relacionamento amoroso, de amizade, escola e trabalho.

Na atualidade, como vivemos em um mundo de incerteza e que constantemente está em mudança, seja em nosso ambiente de trabalho, nos nossos relacionamentos amorosos ou no

campo político da nossa sociedade, o avanço da tecnologia e da internet promoveu muito mais o desenvolvimento da nossa “sociedade líquida”, sendo assim, nos apegamos e desapegamos de qualquer coisa rapidamente, seja ela um imóvel, um veículo ou uma relação amorosa.

Diante de tais aspectos, realizar mudanças de acordo com o avanço do cenário educacional na modernidade líquida é fundamental, romper com a estrutura educacional tradicional e propor novos modelos educativos que realmente causem efeitos na sociedade pós-moderna. É preciso não reduzir os alunos à expectativas que devem memorizar os assuntos e reproduzir os saberes, deve-se desenvolver seus pensamentos críticos, torna-lo parte da construção do conhecimento, compreender e falar a mesma linguagem dos alunos, criar víncu-

los afetivos ao invés de relações líquidas, pois, a proximidade de professor e aluno também é importante, principalmente para conseguir ajuda-los a desenvolver personalidade e fortalecer o processo educativo.

Outrossim, as macrocompetências socioemocionais são fundamentais para auxiliar na relação professor x educando, compreendendo a realidade do outro, tendo em vista que os seres humanos vivem em meio às incertezas. Os indivíduos não podem ser guiados pelas frustrações. Como dizia Lavoisier, “Na Natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. A realidade é que somos uma sociedade prisioneira do consumismo.

Por fim, não podemos criar bolhas e achar que tudo é descartável e nem nos apegarmos muito ao tradicional. Estimular o pensamento crítico no aluno é es-

sencial para que a educação possa fazer sentido em suas mentes, considerando o contexto atual, somos a sociedade do descartável. Devemos usar o campo educação para guiá-los na procura do equilíbrio em nossas vidas e escolher os caminhos que nos encaminhem para a realização dos nossos projetos.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Brasil no Século XX: o desafio da educação. In: _____ . História da Educação. 2ª ed. ver. E atual. São Paulo: Moderna, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro:

Zahar, 2000.

Vidas Desperdiçadas. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GADOTTI, M. História das ideias pedagógicas. 8ª ed. São Paulo: ática,1999.

INSTITUTO AYRTON SENNA. Engajamento com os outros. São Paulo, 2020.

INSTITUTO AYRTON SENNA. Autogestão. São Paulo, 2020.

INSTITUTO AYRTON SENNA. Resiliência emocional. São Paulo, 2020.

INSTITUTO AYRTON SENNA. Abertura ao novo. São Pau-

lo, 2020.

INSTITUTO AYRTON SENNA.

Amabilidade. São Paulo, 2020.

PILETTI, Claudino. Filosofia da
Educação. 9ª ed. São Paulo: Áti-
ca,1997.

ROMANELLI, Otaíza de Oli-
veira. História da Educação no
Brasil. 17ª ed. Petrópolis: Vozes,
1978.